

Mário Augusto do Quinteiro Vilela
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Três estratégias cognitivas da figuratividade na língua: sinestesia, metáfora e metonímia

*«De amor e de poesia e de ter pátria
aqui se trata: que a ralé não passe
este limiar sagrado e não se atreva
a encher de ratos este espaço livre
onde se morre em dignidade humana
a dor de haver nascido em Portugal
sem mais remédio que trazê-lo n'alma»
Jorge de Sena 1989, 117 ("Aviso de Porta de Livraria")*

1. Observações preliminares

1.1. «Ultima non datur»: procurei cumprir este mandamento de boa conduta académica! Não me foi permitido. Desculpem. Depois, não vou dar 'aula', vou ler¹ ou 'ler em voz alta'. E posto aqui, podia escolher vários caminhos. Uma das vias possíveis seria o de falar de mim, da minha experiência. Mas a socialização faz com que o homem se torne uma metáfora de si mesmo, um ente cultural que se vá construindo uma imagem de si mesmo. Tecemo-nos uma máscara, para nos defendermos e lemos essa máscara como se fosse um absoluto que sirva de referência a tudo o que nos rodeia. Procuramos entrar nesse mundo de máscaras construindo o nosso território, em que a palavra é vista como um palco, que com o seu poder mágico, qual instrumento de percussão funcione como sinal do poder². Mas a palavra, para quem trabalhou muito tempo com palavras, deixou de ser vista não como o espelho da realidade mas como uma transformação, transfiguração e até como falsificação da realidade, que é cada vez menos "real": vejamos as autobiografias que se vão publicando. Preferimos diluir-nos num

¹ *Lesen, legere* significam bem mais do que simplesmente 'ler'. Afinal, não vou 'ler' apenas, mas *vorlesen*, que é 'ler em alta voz' e 'lição' equivale a *praelectio* e mais concretamente o que podemos designar por *vortrag*, 'fazer uma exposição' ou 'pôr diante de', coincidente com *propositio*.

² Recordemos o poder dos que têm entrada no "palco" televisivo.

“se” (*one, man, on*), num ontológico impessoal, num *diz-se, pensa-se, critica-se, ouve-se dizer*.³ Afinal, só somos capazes de falar dos valores que são tidos socialmente como tais: as crenças, as opiniões correntes, o validado para um determinado prazo. Estamos ligados a fórmulas e a estereótipos, com os quais fingimos, “fazemos de conta”. É que o princípio fundamental do homem é a imitação: o homem faz-se imitando, emulando. Somos um conjunto de recordações construídas, de citações implícitas ou mesmo explícitas. Somos memória, uma memória construída na multiplicidade de contingências. É preciso mais tempo para reconstruir a verdadeira recordação. Não é esse o caminho que vou seguir.

Um outro caminho possível seria o de me servir das palavras, das velhas palavras que velando o seu significado antigo se apossaram das coisas que os humanos manipulam a seu belo prazer: é que as vicissitudes das palavras são afinal as vicissitudes dos utentes dessas palavras. E ao abrirmos esse véu semântico das palavras poderíamos ver como o mundo é lido, projectado e mapeado de modo diferente consoante as latitudes. E ajudaríamos a verificar como o “admirável mundo novo” de Aldous Huxley (1923) se tornou numa nova página da Bíblia paradisíaca ou numa Babel feita de tiros e bombas: bastaria falarmos de nomes próprios com significado, como Porto Alegre, Quioto, Davos, Maastricht, Beslan, ou de nomes comuns como *saneamento* ou *cassamento* (o equivalente no Português do Brasil), *abate*⁴ ou *despedimento*.

Ou, ainda servindo-me das palavras, tentar explicar a retoma da metáfora do mensageiro ou o papel dos média nos abusos do poder, transformando a democracia numa teledemocracia⁵. Ou, penetrando na transparência semiótica das palavras, procurar mostrar como a teoria da guerra do petróleo se transformou na metáfora de guerra justa, encobrendo a guerra com o rótulo de “legítima defesa”, envolvendo a liquidação dos símbolos do mal (Saddam, Bin Laden)⁶. Ou explicar com uma «não-explicação» como se constroem grandes muralhas com as palavras onde as pessoas públicas se escondem. E aqui há uma expressão sintetizadora dessa atitude da retórica política actual «descaçando a bota» para a «não-resposta»: «não-qualquer-coisa». E neste contexto estão envolvidas outras expressões como a «não posição» ou o «nem sim nem não, antes pelo contrário»⁷ do deputado Guilherme Silva a propósito da despenalização do aborto, ou o «não-assunto» relativamente à resposta de António Vitorino sobre o que ele sentia no eventual apoio de Tony Blair à sua nomeação para presidente da Comissão Europeia, ou dizer-se que Cavaco Silva é, neste momento, um «não candidato» às próximas eleições presidenciais, ou o «não-empréstimo» a propósito daquele dinheiro que o

³ Seria interessante verificar as variantes portuguesas de “se”: *a gente, uma pessoa, nós, um indivíduo, um fulano*, etc.

⁴ A palavra usada para responder à “rácio” na Universidade, despedindo docentes.

⁵ Apenas para mostrar como este tema seria interessante, pois foi repetidamente glosado, cito uma leitura desse arremesso metafórico, a propósito da pedofilia na Casa Pia: «A metáfora é perigosa porque ela transmite a imagem de um jornalista irresponsável, cujo papel é apenas o de reflectir especularmente e acriticamente a realidade» (José Vítor Malheiros – Mensageiros, jornalistas e censores, Público, 13.01.04).

⁶ George Lakoff tem vindo a desenvolver metáforas desse género relativamente à vida nos Estados Unidos da América

⁷ Esta expressão provinda de uma crónica de Eduardo Prado Coelho a propósito da «não-posição do PSD» sobre o aborto, relativamente à entrevista de Guilherme Silva.

Governo recebeu do Citigroup Bank para resolver as contas do déficit⁸, ou a «não-relva» com todo o ar de relva dos estádios do Dragão e de Alvalade e, para concluir, a «não-explicação» de tudo o que publicamente não se quer ou não se pode explicar⁹. Ou denunciar designações que, sob a capa do “politicamente correcto”, encobrem as mentiras que nós vendemos aos cidadãos jovens, como, por exemplo, «retenção» em vez de «reprovação» dos alunos nas Escolas, mentiras que indicam que o «não-trabalho», a «não-ciência» levam a «nenhum-lado»¹⁰. E haveria outros percursos possíveis como discutir a política da língua, comentando atitudes como a de nomear para responsável pelo ensino do Português em França quem «não sabe francês e vai às reuniões com um intérprete ao lado. Ela fala, o intérprete traduz, ela ouve, o intérprete traduz, e assim vai dançando entre duas línguas»¹¹.

Um outro caminho, talvez mais sério, poderia ser o de tecer reflexões sobre o «desafio de Bolonha» retomando e repisando a palavra-chave: o regresso à universidade, visto como a mobilidade dos estudantes e sobretudo como a necessidade de formação ao longo da vida, por força da mudança vertiginosa e da imprevisibilidade da mudança impondo a requalificação dos saberes. Bastaria para isso descascar as três palavras-chave desse desafio: transparência, fiabilidade, mobilidade. Neste desafio não há possibilidade de “retenção”. Há mesmo chumbo em 2010, caso não se escancarem as três palavras. Mas estes caminhos que eu poderia seguir são muito penosos para um septuagenário.

Por isso, deixem-me ficar apenas no chão que melhor conheço, o da linguística e mais concretamente “as estratégias cognitivas da figuratividade (sinestesia, metáfora e metonímia)”.

1.2. Os dois gonzos explicativos da experiência humana são a teoria da imitação e a teoria da individualidade ou do génio. Subliminalmente, estamos todos ligados a fórmulas e a estereótipos, no espaço do inautêntico, prisioneiros das nossas figurações, em que não há coincidência entre as palavras e as coisas, em que as palavras não passam de metáforas, designando apenas as relações das coisas com o homem. As palavras pertencem como imagem do mundo ao *thesaurus* colectivo, tesouro no seu sentido etimológico. Somos guardiães da memória colectiva. O figurado é visto como resguardo e protecção. Clichés e estereótipos refazem-se, escondem-se e reaparecem, dando-nos a ilusão de um falso passado sem futuro. Mas vamos “poisar”.

O sentido figurado tem origem na mesma fonte onde mergulha o discurso não figurado: ou seja, é construído com base nos esquemas experienciais disponíveis para a produção de sentido a partir da nossa vivência do mundo. Qualquer exemplo pode servir, mas vejamos o seguinte:

«Na primeira noite, nesta minha nova casa, depois de um dia inteiro a arrumar livros nas estantes, estendi-me no soalho da sala, embrulhado num saco-cama, e adormeci. Acordei às duas da manhã, com a garganta entupida de poeira, sufocado a sonhar que me enterravam

⁸ Porque se fosse empréstimo, a UE não deixaria.

⁹ Todos os termos e expressões foram retirados de Joaquim Fidalgo – «Nem sim nem não», Público, 2004-03-03.

¹⁰ Leia-se, a este propósito, o que escreveu Clara Ferreira Alves acerca da inverdade da palavra “estudante” («Única» 98, Expresso 4. 08. 04 [O estudante]).

¹¹ Eduardo Prado Coelho – «A matemática da língua»; Público 2004-03-09.

vivo no deserto. *Tossi as entranbas, tossi a alma*, até que finalmente acalmei e voltei a adormecer» (José Eduardo Agualusa, *A casa ensombrada*, Público, 22. 2. 04) (O it. é meu)

A linguagem, ao representar a nossa experiência do mundo, tem, entre outras funções, a de pôr em ligação as palavras e o mundo¹². A escolha do caminho para a coincidência entre as palavras e o mundo no discurso figurado é contudo algo diferente do da representação normal na língua, é o da procura da coincidência entre as palavras e o mundo percebido pelo enunciador, portanto, uma via original, em que o individual e o social se interpenetram: *tossir as entranbas, tossir a alma*. A palavra latina FIGURATIO tinha já esses valores: configuração, figura, forma, imagem e FIGURARE era modelar, formar, representar, imaginar ou decorar com figuras. A língua configura figurando:

«Nem sempre havia sol. Creio que chovia de Setembro a Maio. O sol brilhava trinta dias em cada cem. O céu descia como uma pesada abóbada madrepérola. As coisas perdiam o rigor dos contornos. As cores enchiam-se de sono. As casas prolongavam-se até às nuvens. Tudo parede» (Emanuel Félix – Tudo parede, 2003: 163)

Os conceitos formados não são concebíveis sem “corpo” (desencarnadas). Há um realismo experiencial resultante de práticas armazenadas, folheadas na vivência pessoal culturalizada. O sentido figurado, percebido como desfasamento relativamente às significações comuns, não é produzido pela fuga a um real a nomear, bem pelo contrário, é produzido na procura de uma adequação perceptiva, mediada pela experiência corporalizada do mundo, um modelo de compreensão e a conseqüente nomeação. Partimos do pressuposto de que na origem tanto do figurado como do literal há sempre fenómenos conceptuais, processos e modelos cognitivos, modos naturais de pensar e de agir, radicados na experiência humana e são esses processos e modelos que estruturam pensamento, linguagem e acção¹³.

Estes processos e modelos são extensivos a todos os domínios da língua. Vamos ficar apenas no domínio do léxico – do significado lexical – e, em vez de distinguir o figurado do literal, vamos propor uma outra distinção, a que é feita em três dimensões: sentido “literal”, o sentido “não-literal” e o sentido “figurado”. Aqui, a categorização (ou recategorização, no caso do dito sentido figurado), a transposição para o convencional (melhor diríamos convencionalizado ou pragmaticizado), a mudança semântica, a densificação em certas zonas da língua de polissemias, parece obedecer a uma certa “poética” mental (cfr. Gibbs 1994).

Tenha-se em atenção que, antes de arrancarmos para a nossa reflexão, acrescentámos um meio termo entre o figurado e o literal, que designámos por “não-literal”. Procurarei percorrer as classes maiores da língua: adjectivos, nomes e verbos.

2. Níveis da figuratividade ou as estratégias cognitivas

Uma das vias de distinção entre figurado e literal era a integração dos sentidos no grande universo da polissemia. Assim, em Vilela (1994: 177), a propósito da descrição dos adjectivos, escrevia-se:

¹² Cfr. Détrie, 2000, 141-169.

¹³ «Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature» (Lakoff / Johnson 1980: 3).

«Uma característica destes adjectivos [adjectivos que correspondem à categorização e lexicalização das diferentes categorias de percepção] é a sua polissemia (sendo por isso passíveis de vários antónimos) e a possibilidade de referência a várias escalas perceptivas (o que dá origem a sinestésias): *doce* pode funcionar numa escala acústica (*som doce*), táctil (*superfícies doces*), olfactiva (*perfume doce*), visual (*cores doces*), etc.».

Mas vamos começar pela distinção que implica uma terceira via: literal, não-literal e figurado. Examinemos os significados / sentidos de *doce*, como ocorrem em *laranja doce*, *água doce* (opondo-se a *água salgada*) ou *batata doce* (opondo-se apenas a *batata*), *clima doce* (opondo-se a *clima duro, agreste*), *palavras doces* (distinguindo-se de *palavras amargas, duras*). Em *água doce* e *batata doce* temos um uso não-literal de *doce*, facilmente verificável pela oposição que é feita relativamente a *água salgada* e a *batata*, fenómenos tanto de referência como de começo de fuga ao literal. Num caso e noutro não há a categorização ou conceptualização de algo que torne as entidades ‘doces’. E este uso não-literal de *doce* em *água doce* e *batata doce* leva-nos à não aceitação da distinção normalmente feita entre literal e figurado, considerando-se este uso como não-literal. Simultaneamente, será necessário ter em consideração que há vários graus na escala da figuratividade, por isso faremos aqui uma distinção fundamental: a que é feita entre metaforicidade forte e metaforicidade fraca. E as três principais vias para a construção da metaforicidade – digamos antes, os sentidos não-literal e figurado –, a nível do léxico, são a sinestesia, a metonímia e a metáfora. Estas estratégias cognitivas não são exclusivas das línguas, pois surgem em todas as formas simbólicas de expressão em que o espírito humano labora, sobretudo no domínio das artes, da arquitectura, da pintura, da música. Uma recente entrevista de Paulo Cunha e Silva, director do Instituto das Artes que considerava o “fado” como um estereótipo (“símbolo”) redutor da nossa identidade provocando reacções violentas, em que se denota precisamente esse lado simbólico (figurado):

«Acho chocante a maneira como Paulo Cunha e Silva, director do Instituto das Artes, se refere ao fado na sua recente entrevista a este jornal citando-o como exemplo de estereótipo redutor da nossa identidade cultural no estrangeiro (...). Apesar de não ser cosmopolita (...), o fado pode dialogar e inspirar outras disciplinas, outros criadores de outras culturas. Por que continuam a pensá-lo como “uma casa portuguesa” a contrapor a uma “casa do mundo”? (...). O fado ... auto-regenera-se continuamente. ... Pode também ser contemporâneo e um interessante ponto de partida para habitar o mundo – em Alfama e/ou em Berlim» (Mísia, in Público, 13. 01. 04).

Um especialista em arte, Joaquim Caetano, fez a seguinte afirmação:

«[Em Miguel Ângelo] o corpo humano é entendido sempre como uma metáfora, um princípio organizador de todas as artes» («Estudo para “Sibila Líbia”», Público 2003.12.27).

É fácil ver nos Jerónimos¹⁴ a metáfora do Renascimento e das Descobertas, com o seu espírito aberto ao sonho e à aventura, e no Centro Cultural de Belém e nas suas marcas escultóricas, a metáfora do que, com apreciação ou depreciação, designamos por marca da gestão “Cavaco Silva”, como símbolo de uma arquitectura pesada, a dos

¹⁴ Dirven (2002: 438) dá o exemplo da Torre Eiffel em Paris, apresentada como a metáfora da modernidade oposta à grande metáfora anterior, a do tempo das catedrais.

espaços retilíneos e do pragmatismo (com espaços multi-usos). E não devemos esquecer neste ponto que o Centro Cultural de Belém procurava ser o contraponto moderno dos Jerónimos ou da Torre de Belém e, portanto, uma nova forma de metáfora dos tempos modernos. Mais em cima do nosso tempo, daríamos hoje o exemplo dos estádios “cinco estrelas” da FIFA, como metáfora do desfazimento entre o ser (o que somos) e o que sonhamos ser (e, portanto, não somos).

A diferença entre o literal e o figurado em todas as manifestações artísticas do homem – em que se situa também a linguagem – é que o literal na arte não é tão visível, ou mesmo não é visível, e na linguagem humana é fácil descortinar a estratégia cognitiva e a poética da mente.

No que à língua natural concerne, e para nos atermos apenas ao domínio das palavras, verificamos que as estratégias cognitivas se distribuem diferentemente pelas várias classes de palavras. Por exemplo, a sinestesia encontra-se mais na classe circundante aos adjetivos, a metonímia, na área dos nomes ou da nomeação, ao passo que a metáfora invade todas as classes.

A maior parte dos estudos até agora surgidos, andam à volta da metáfora (há quilómetros de papel escrito sobre a metáfora¹⁵) e da metonímia (embora esta em menor quantidade), mas já os estudos sobre a sinestesia ocorrem de forma esporádica.

3. A sinestesia a meio caminho entre a metáfora e a metonímia (ou a sinestesia vs. metáfora e metonímia)

A palavra sinestesia (do grego *synaisthanomai*) que, etimologicamente, quer dizer “experimentar duas coisas ao mesmo tempo”, denota o processo em que um estímulo sensorial pode provocar também um estímulo num outro órgão diferente. Em «The Mind of a Mnemonist. A Little Book about a vast Memory»¹⁶ de A. R. Luria encontramos o relato de uma experiência deste género:

«No caso de C., todos os sons [de palavras] produziam imediatamente sensação de luz, cor e ainda (...) de tacto e paladar» (pg. 45).

«Este relato sugere que no caso de C. não havia uma separação distinta, como há para alguns de nós, entre a visão e a audição, ou entre a audição e o tacto ou o paladar. (...) Um grande número de pessoas tem indícios de sinestesia, mas muito rudimentares: ao “ver” cores diferentes ao escutar notas mais agudas ou mais graves; sentir que algumas notas são “quentes” e outras “frias”... Mas para C. estas sensações sinestésicas surgiram não só nos primeiros anos de vida como persistiram até ao dia da sua morte e desempenhavam um papel fundamental no seu comportamento psíquico» (pg. 47).

«C. não transcrevia apenas as palavras que lhe tinham sido dadas: cada uma delas fornecia-lhe dados “adicionais” sob a forma de sensações sinestésicas visuais, gustativas e tácteis, todas elas originadas pelo som de uma palavra ou pela forma das suas letras» (pg. 55).

Para dar um exemplo mais próximo do da linguagem, o caso do poeta Emanuel Félix, para não citar as sempre citadas “Voyelles” de Rimbaud:

¹⁵ Basta só consultar qualquer catálogo nas bibliotecas ou na Internet.

¹⁶ Traduzido para português «Um Pequeno Livro sobre uma grande Memória», tradução feita por João Vilhena, Relógio D'Água Editores, 2003. As citações reportam-se a esta versão.

«Nos seus poemas estão as marcas do diálogo entre as artes plásticas, em que trabalhava na sua actividade profissional, e as palavras, com que lidava e brincava enquanto poeta...» (Mário Mesquita – O adeus ao poeta do rigor, Público, 22.02.2004)¹⁷.

«Percurso de palavras seduzidas pela visão, pela impossível imitação do contacto visual com a realidade e, por vezes, arrastada pelo salto metafórico que concebe a palavra como traço na caligrafia ritual de inscrição duradoura, a poesia de Emanuel Félix oferece em suma, aquele suplemento de olhar que permite ver para além da superfície.» (Fátima de Freitas Morna – «Apresentação» a Emanuel Félix 2003: 22)

Em Emanuel Félix, possivelmente, temos um dos exemplos mais acabados da interacção entre a estrutura linguística e a percepção visual, ou argumento claro da chamada explicação da categorização e conceptualização do mundo pela via da linguística cognitiva¹⁸.

A diferença entre a sinestesia patológica e a sinestesia linguística é a de que a primeira pode efectivamente estimular dois sentidos, ao passo que a sinestesia linguística não estimula efectivamente mais do que um sentido, mas apela para propriedades de diferentes órgãos que concretamente surge como a sua fonte. Por exemplo, uma *música doce* apenas provoca estímulo no ouvido e não no gosto ou no tacto, embora evoque (ou invoque), por interacção, as propriedades do órgão fonte.

Mas exemplifiquemos as estratégias cognitivas com a palavra *doce* e façamos a leitura do seguinte quadro:

percepção elementar: paladar / gosto:

1. significado básico: *'açucarado'* (*doce como o mel, algodão doce, vinho doce*)
2. significado polar ou antonímico:
água doce (vs. água salgada)¹⁹
*batata doce*²⁰ (diferente de batata)

transferência para outras experiências sensoriais ou sinestesia:

3. ouvido: *música doce, voz doce* (melodiosa e harmoniosa)
4. olfacto: *perfume doce* (agradável ou enjoativo)
5. vista: uma *paisagem doce* (aprazível)
6. tacto: *a pele doce de um bebé* ('macia', 'sem rugas'), *O clima doce* das ilhas atlânticas ('ameno'), (Gravura de) *talhe doce*

¹⁷ Um outro poeta assinala o mesmo tópico: «O Emanuel pintava com palavras e escrevia com tintas» (Ivo Machado, Público, 15.2.2004)

¹⁸ As duas estruturas, a da língua e a da percepção visual, patenteiam a convergência da experiência individual e a da expressão linguística («In both systems [linguistic and visual-perceptual structures] there is a primitive notion of an entity or physical object and an equally similar identification process: the 3D level of visual representation corresponds to basic constituents of the conceptual level (conceptual categories like 'entity') expressed in linguistic categories like Noun. Furthermore, the perception of each particular object always occurs in association with other objects related within a schema, a fundamental structure in both the structuring of meaning and visual experience, with analogous categorizing functions» (Violli 2001: 34)

¹⁹ A que brota de fontes, rios, veios subterrâneos, própria para ser bebida por humanos e animais, caracterizada pela presença reduzida de sais minerais.

²⁰ A contrário do que acontece com *água doce*, em *batata doce* temos uma planta própria (diferente de *batata*, que pertence à família das solanáceas) e o respectivo produto, caracterizado por ser 'doce' («Planta herbácea da família das convolvuláceas, de raízes tuberosas, doces e nutritivas ou tubérculo dessa planta» (Dicionário da Academia).

não relativo a outras experiências sensoriais ou metáfora:

7. avaliação de pessoas: *pessoa doce* (amável, delicada)

8. avaliação de comportamentos / atitudes: *palavras doces; a doce esperança* (de um futuro melhor); *o sorriso doce* das crianças; *o olhar doce* (do avô ao tratar dos netos)

não relativo a outras experiências sensoriais ou metonímia:

9. *falinbas doces / falinbas mansas*²¹

Se observarmos o esquema apresentado, tentando percorrer os vários significados de *doce*, temos o significado literal em (1), o significado antonímico em (2), sinestésias em (3-6), metáforas em (7-8) e metonímia em (9). Os significados polares em (2) são extensões não-literais do significado básico de (1) 'açucarado como mel', próprio do paladar, em que a associação com a presença activa deste gosto ou paladar está ausente²², mas em que não há figuratividade, pois permanecemos dentro do domínio do paladar. Já nos significados de (3 –6) há uma transferência de domínios. Poder-se-á pensar que estamos no domínio da metáfora, pois há uma transferência de domínios, mas o domínio fonte e domínio destino estão muito próximos e portanto há uma figuratividade fraca. Isto é, trata-se mais de subdomínios do que de domínios diferentes: continuamos em presença do domínio fonte, impressões sensoriais (olfacto, ouvido, vista, tacto) e, portanto, temos a sinestesia. Vemos que, efectivamente, é a classe adjectivo a que permite exemplificações mais directas neste âmbito de conceptualização e categorização.

Embora as actividades / acções correspondentes às propriedades lexicalizadas pelo adjectivo *doce* nas instanciações presentes no quadro operem com verbos – *gostar; saborear; ouvir; cheirar; sentir; ver* –, a estratégia cognitiva preferencial (da sinestesia) é a do adjectivo, onde a presença da metonímia é quase ignorada.

A extensão metafórica de *doce* surge em (7-8), em que se verifica a transferência do domínio sensorial para o domínio psicológico, emocional, onde entra a classe dos humanos: *o sorriso doce de uma criança, o olhar doce da avó, as palavras doces da lisonja*, etc.

Em (9), embora *doce* se mantenha como adjectivo, o significado da expressão já não é composicional, não resulta da soma dos significados dos componentes: trata-se de nomeação. Possivelmente teremos aqui simultaneamente metáfora e metonímia.

Na figuratividade metafórica não terá tanta importância a analogia ou semelhança entre dois domínios – como defende a grande tradição do estudo da metáfora –, mas sobretudo o contraste, a distância entre dois domínios que interagem e se envolvem na configuração do experienciado e vivido pelo enunciador.

Os exemplos documentadores destas transferências e contactos entre domínios são facilmente multiplicáveis, como pode ver-se pelos diferentes sinónimos que convocam certos adjectivos como *rijo, duro, fresco*²³:

²¹ «Conversa insinuante, suave, cheia de lábia [sic] e de hipocrisia. Feita com o objectivo de se conseguir alguma coisa em proveito próprio» (Dicionário da Academia)

²² O Dicionário da Academia dá ainda um outro exemplo mais claro: *sopa doce* («Que tem baixo teor ou falta de sal ou que não tem sal na sua composição...: *A sopa está doce, precisa de sal*»)

²³ Vide Vilela 1994: 165-186.

Rijo vs. *mole*: (colchão) *rijo* / (pessoa) *rija* vs. (colchão) *mole* / (algo flácido) vs. (pessoa) *mole*;
Duro vs. *mole*: (pessoa) *dura* / (coração) *duro* vs. (colchão) *mole* vs. (pessoa) *mole*;
Fresco: (fruta) *fresca* / (comida) *fresca* / (pessoa) *fresca* [e aqui a possibilidades de distinguir: *alguém ainda está fresco* e *alguém é fresco*] vs. (comida) *requeitada* / (fruta) *seca* ou *estragada*.

Concluindo, quanto à diferenciação entre sentido literal, sentido não literal e sentido figurado, o literal é o que aponta originariamente para o valor tido como primeiro (*doce como mel*), o não-literal é o sentido próximo desse primeiro valor (*água doce*, *batata doce*), em que não há afastamento entre fonte e destino (geralmente, é a área da metonímia ou nomeação) e o figurado começa na sinestesia (metaforicidade fraca: *música doce*, *perfume doce*, *paisagem doce*, *clima doce*) para acabar na metáfora propriamente dita (a área da metaforicidade forte: *palavras doces*, *o sorriso doce de uma criança*, *o olhar doce de x*).

Talvez seja necessário socorreremo-nos da chamada “mesclagem” (ou integração)²⁴ para explicarmos expressões como *falinbas mansas*, *falinbas doces*, simultaneamente metáfora e metonímia.

4. Semelhança e contraste na figuratividade

Se compararmos as estratégias cognitivas subjacentes à metáfora e à metonímia, verificamos que a metáfora exige tanto a presença de contraste como a de semelhança e a metonímia actua também dentro dos mesmos parâmetros, embora em grau diferente. Por outro lado, a metonímia, como acontecia com a sinestesia, pode levar à produção de extensões que são não-literais, que tanto podem ser figurativas como não figurativas.

Partimos da análise de *coração*, que no seu sentido básico denota o órgão impulsionador do sistema sanguíneo no corpo humano e animal. Mas este órgão é tido também como o centro da vida, o centro do pensamento, da memória e das emoções, acepções ilustradas por inúmeras sequências²⁵:

Desejo-te, do *fundo do meu coração* /de *todo o coração*, as maiores felicidades //
Ele *tem o coração ao pé da boca*;
Há *peessoas sem coração* / que *têm pêlos no coração* //Ela é um *coração lavado* //É preciso *ler no coração das pessoas*, para as entender;
Ela *mete-nos no coração* quando a abordamos // Ele não é capaz de *pôr o coração ao largo*: é demasiado perfeccionista // Ele *falou-me ao coração* e tive de ceder //
Quantas vezes não temos de *fazer das tripas coração*;
Corta-se-nos o coração quando vemos crianças a sofrer // *Cai-nos o coração* aos pés...// Estimo-o *do coração*// Somos *amigos do coração*;
É necessário *abrir o coração a alguém*, quando estamos tristes // Ele veio-me *com o coração nas mãos* a pedir...// Há pessoas *sem coração*, desalmadas // *Coração de ouro*, de pomba, de pedra;

²⁴ A palavra técnica usada e criada na linguística cognitiva é “blending”.

²⁵ Todas as expressões são encontráveis no Dicionário da Academia e do Michaelis (2002)

É precisamente *no coração da cidade* que se cometem as maiores barbaridades urbanísticas.

Em todas estas expressões o sentido básico anda perdido, mas lidamos sempre com o “coração” que não é já o órgão gestor do sangue no corpo dos animais e do homem²⁶, mas, metonimicamente, estamos perante “coração” visto como o órgão em que se sediam as faculdades mentais, o que científica e biologicamente se atribui ao cérebro. Esta localização é pensada como um contentor com várias secções:

No *mais fundo do meu coração*, nunca senti ódio por ninguém, mas amar o próximo como a mim mesmo...isso já é uma outra história!
Não se pode *abrir o coração* a um qualquer...

Poder-se-á interpretar esta localização, a sede da vida, como sendo um contentor das emoções, portando já fora do sentido literal (‘não literal’), mas não há ainda sentido figurado. Torna-se talvez mais próxima a figuração, a identificação de *alma e coração*, ou a sua interpretação como complemento um do outro:

Entregar-se de *alma e coração* ao trabalho é o melhor meio de se chegar ao sucesso.

Atingimos o significado figurado claro quando o “coração” é apresentado como sendo a própria emoção na sua individualidade (‘coragem’, ‘cordialidade’, ‘ternura’, ‘candura’, ‘irascividade’, ‘dor’, ‘aflição’):

Caiu-me o coração aos pés quando vi um condutor em contramão na auto-estrada!
(‘aflição’, ‘susto’);

Ele tem o coração ao pé da boca: exalta-se muito facilmente (‘irascividade’);

Parte-se-me o coração ao ver a rua pejada de jovens drogados (‘dor’).

Aqui o *coração*, em *cair o coração aos pés*, não é a sede da ‘coragem’ ou do ‘susto’, é a própria coragem ou susto que cai aos pés; assim como em *ter o coração ao pé da boca* é o ser-se desabrido, franco em demasia e *partir-se-me o coração* é a própria tristeza. O que caracteriza todos estes usos metonímicos é a presença simultânea de dois subdomínios: o primeiro domínio é o de uma entidade localizável no corpo e o segundo domínio é o das faculdades mentais como pensamento, espírito, memória, sentimento ou o de sentimentos individualizados. Diz-se que os dois subdomínios na metonímia são contíguos: bordejam o mesmo domínio ou se sobrepõem um ao outro. Tradicionalmente admite-se que a metonímia pressupõe apenas um domínio de experiência e a metáfora recobre dois domínios.

Parece que o problema se situa num outro aspecto: como é que e quando é que seremos capazes de delimitar domínios ou subdomínios? A noção de domínio tem de ser refinada e precisamos ainda de ter em conta a noção de contraste. Na metáfora os dois subdomínios pressupõem um contraste forte, na metonímia, por força da contiguidade de dois subdomínios, nunca poderá existir um contraste tão drástico. Mas, de qualquer forma, é exigido que haja sempre um contraste mínimo para que se produza

²⁶ «Órgão central do sistema circulatório, localizado no tórax...» (Dicionário da Academia)

uma leitura figurada. Parece-nos²⁷ que o importante é fixarmo-nos na noção de contraste. Na metáfora, os dois domínios ou subdomínios situam-se em pontos distantes: trata-se de um contraste forte. Na metonímia, a contiguidade dos dois domínios (ou subdomínios) não necessita de um contraste forte, mas mesmo aqui há necessidade de um contraste mínimo em ordem ao desencadeamento de um significado figurado.

Vejam os mais de perto algumas das expressões:

- em *de todo o coração*, parece haver contiguidade entre o coração e a sede do sentimento ‘boa vontade’ ou;
- em *de coração lavado* talvez haja contiguidade entre o coração e o sentimento de ‘franqueza’;
- mas em *cair o coração aos pés*, o *coração* é visto metonimicamente como a sede da emoção (‘surpresa’, ‘desilusão’) e metaforicamente surge o sentido de contentor da emoção individualizada.

Há nesta última expressão – *cair o coração aos pés* – simultaneamente uma metonímia e uma metáfora: a primeira, pelo facto de existir a contiguidade dos dois domínios – o “coração” como sede da ‘surpresa’, a segunda, por existir algo que cai, um invólucro (ou contentor) que se desloca, em que o contraste é feito na própria relação entre o contentor e o conteúdo: ‘a desilusão’. Já em *de todo o coração* trata-se do contraste entre o lugar e o sentimento.

Devemos ter em consideração que o coração era tido como a sede da memória, ou a própria memória: *aprender de cor* [COR – CORDIS] configura precisamente essa conceptualização, mais visível ainda no fr. *apprendre par coeur* ou no ingl. *learn by heart*²⁸.

A metonímia surge mais claramente nas relações parte-todo, aqui a propriamente chamada sínecdoque, por exemplo, em formas de tratamento como:

«Não chores coração, vais ver que tudo se resolve;
Minha querida, *meu coração*» (Dicionário da Academia).

Mas a palavra *coração* distancia-se totalmente do órgão humano – portanto, surge a metáfora no seu pleno – quando se reporta à parte central de um objecto, de um lugar, ou mesmo à parte central de um lugar abstracto, como um problema, uma estratégia, etc. E aqui a metáfora representa o seu núcleo duro de representação, o da figuratividade forte, reunindo ou fazendo interagir um órgão humano (a fonte) e um alvo distante (um lugar concreto ou abstracto):

«Beja fica em pleno coração da região alentejana» // «Coração da cidade, o mesmo que centro da cidade» (Dicionário da Academia).

«Como escrevia sarcasticamente a imprensa alemã, para ilustrar as dificuldades do candidato do SPD [às eleições na Baviera]: “[Franz] Maget pode passear tranquilamente na Marienplatz, o *coração de Munique*, sem correr o risco de ser reconhecido» (Público, 2003-09-22, 13).

«*Ouçõ o coração da noite* / (o motor duma traineira que fundeu na baía). // Horas no mundo... / Acordado, / *Escuto o coração da noite* / No seu bater apressado. (Emanuel Félix – Nocturno da Ilha, 2003: 54).

²⁷ Seguimos Croft 1995 e Dirven 2002: 340.

²⁸ Dirven (2002: 340) faz o mesmo raciocínio com *to learn by heart*.

Esquemáticamente teríamos:

Coração:

relativo ao órgão fisiológico ou à experiência psicológica: órgão humano:

vaso distribuidor do sangue:

literal sede das emoções

não-literal e não-figurativo equivalendo:

a vida

o sentimento

a inteligência

individualização das emoções: metonímia / sentido figurado:

a própria coragem, a cordura, a surpresa, etc.

não relativo às experiências supramencionadas:

forma de tratamento (ternura) (figurado)

sinédoque ('pessoa querida')

parte central de alguma coisa: figurado / metáfora:

parte central de lugar (*coração da cidade*)

parte central do tempo (*coração do Inverno / da crise económica*)

parte central de um problema, de uma questão²⁹

5. O concreto como via para a conceptualização / categorização de domínios abstractos ou os verbos na categorização metafórica

Lidámos até agora com nomes e adjectivos: estes estavam envolvidos sobretudo na verbalização de sinestésias, aqueles envolvendo a metonímia e a metáfora. Se passarmos aos verbos verificamos que predomina neles a metáfora, aliás domínio já amplamente referenciado por Sweetser (1990), Lakoff / Johnson (1980), como via preferencial para configurar domínios abstractos. Sendo os verbos a categoria conceptualizadora por excelência das actividades e dada a necessidade quase compulsiva de corporização do abstracto para abrir portais para a manipulação, é natural que se reduza o que é abstracto a concreto e sobretudo a um concreto tão materializado quanto possível. Assim *ver* e *ouvir*, são nitidamente verbos de percepção física:

ver as ondas cobertas de espuma e *ouvir* o seu bramar constante

mas podem conceptualizar a percepção intelectual³⁰:

Bem *vejo* que estás a perceber as coisas e

Eu bem te avisei de que a água molhava, mas tu não me quiseste *ouvir* e agora sofres as consequências!

Mas neste jogo de interacção concreto-abstracto, verbos e nomes acompanham-se, os primeiros como criadores do cenário relacional e os segundos como complementadores e entidades contextualizadoras desse cenário. *Corromper; sustentar; dar; trocar; tocar em, depositar em* podem reportar-se a coisas materiais e a coisas abstractas:

²⁹ Neste caso equivale a "cerne" da questão.

³⁰ Para uma perspectivação mais abrangente cfr. Vilela 2002, sobretudo 127-137.

As consciências deixam-se *corromper* e a matéria orgânica *corrompe-se* com o tempo
As pontes são *sustentadas* por pilares e as teorias são *sustentadas* pela sua viabilidade prática

Trocamos dinheiro num banco e *trocamos ideias* com os nossos amigos

Damos uma fortuna para comprar uma casa e *damos umas dicas* para que um nosso amigo possa sair de apuros

Tocamos com as nossas mãos na massa e *tocamos* apenas ao de leve num assunto melindroso

Depositamos dinheiro num banco e *depositamos* toda a nossa confiança em alguém e os pais *depositam* os filhos na escola

No último exemplo – *depositar os filhos na escola* – estamos já perante uma contra-metáfora: o ponto de partida é *depositar dinheiro* (concreto), passando depois a *depositar confiança* (abstracto: valor metafórico) e, finalmente, *depositar os filhos na escola* (contra-metáfora: ‘colocar’ os filhos na escola como se fossem objectos, como se fosse dinheiro, entregues totalmente ao seu destino). Isto é, convertemos ontologicamente as ideias, as teorias, a confiança, as palavras, etc., em objectos para as podermos manipular. O verbo denota um processo – que, no seu sentido etimológico, seria previsivelmente um molde para coisas concretas –, estabelece um quadro onde entram entidades abstractas mas tratadas como concretas.

A natureza na nossa ontologia partilhada altera-se e este processo é feito de um modo sistemático e de modo continuado. É esta a via de processamento das metáforizações, o modo com o qual damos vida aos seres inanimados personificando a natureza:

O mar *brama e grita*, quando está enraivecido
A lua *sonha* quando a natureza não a perturba
As árvores *dormem* tranquilamente quando o vento amaina

ou o modo como nos seres humanos caracterizamos traços físicos:

A Maria *canta*, quando fala
O João *fala* inglês e roufenho

6. Conclusão

A figuratividade não é, portanto, uma excepção, um embelezamento: lidar com ideias como se fossem objectos, não representa apenas um processo de representação linguística, é sobretudo um processo mental para a conceptualização e categorização do mundo. A própria mente está estruturada de tal modo que o mapeamento do mundo só pode ser feito pela via da corporização da actividade mental: é toda a estrutura da linguagem que assim está organizada. Afinal, a figuratividade na língua funciona nos mesmos moldes que a não-figuratividade ou a língua sem desvios: a corporização do conhecimento feita mediante a experiência vivencial dos falantes. Por outro lado, as estratégias cognitivas são as mesmas em todos os domínios da criação humana, só que as estratégias linguísticas são as mais facilmente detectáveis e por isso as mais estudadas.

O principal traço definidor da “figuratividade” como estratégia cognitiva na linguagem humana é o distanciamento entre o domínio fonte ou domínio do literal e o domí-

nio ponto de chegada ou domínio figurado. As três estratégias mencionadas – a metáfora, a metonímia e a sinestesia – distinguem-se pelos respectivos processos mentais nelas envolvidos:

- a sinestesia surge como consequência de operações sensoriais e mentais simultâneas;
- a metonímia caracteriza-se pela contrastividade fraca, dada a proximidade (ou contiguidade) dos (sub)domínios envolvidos;
- a metáfora define-se pela contrastividade forte dos vários domínios implicados.

Por isso mesmo, a tensão entre os elementos dos domínios envolvidos é construída pela interação da similitude e diferença, entre semelhança e contraste. Quanto maior for o contraste ou a distância entre os elementos (ou domínios), maior será a figuratividade e, conseqüentemente, maior será a metaforicidade. É a metáfora a estratégia mais representada em todas as categorias da língua, mas é a metonímia a que fornece o maior contingente de esquemas previsíveis na construção de esquemas lexicais da língua³¹; a sinestesia representa um menor grau de distanciamento dos elementos, a menos que se torne metáfora e metonímia simultaneamente. Possivelmente, a metonímia representa a estratégia mais regular e previsível³².

Finalmente, relembro um dos meus pontos de partida: a figuratividade faz parte da própria língua, seja a da literatura, seja a da vida quotidiana e as três principais portas de entrada para a figuratividade – metáfora, metonímia e sinestesia – mesclam-se, tornam-se indissociáveis, como se patenteia no seguinte texto de Emanuel Félix

*«eis-me sentado à beira da tua memória,
lembrando as tuas mãos de sementeiro da amizade,
recordando os teus olhos onde era sempre claridade»³³
«Deixados pelos Deuses sobre a areia
Os búzios são cofres com pedaços da noite
Pequenos transistors para as notícias do mar//
Encontrados pelas crianças na praia
Os búzios são caixas de música
São os ouvidos petrificados dos peixes»³⁴*

³¹ Cfr. Vilela 2002: 378-380.

³² Pensemos no caso das chamadas polissemias regulares, que poderemos designar por metonímia sistemática. A propósito da polissemia regular, Nunberg (1995) fala dos seguintes paradigmas:

- transmissões para automóveis: um 9.3, um condução automática
- pintores por obras: um Dali
- o continente pelo conteúdo: beber uns copos
- escritor pela obra: ler todo o Eça
- lugar pelos habitantes: a Califórnia votou Schwarzenegger
- árvore pela madeira: mesa de cerejeira

Para exemplos de metonímias situacionais – isto é, casos em que a metonímia nasce num dado cenário, numa situação bem tipificada, gênero, *o bife da vaca foi-se embora sem pagar* (num restaurante e relativo a um cliente que pediu esse prato) – vide Kleiber 1995.

³³ Emanuel Nunes – «Meu adeus a Martinho», 2003: 121.

³⁴ Emanuel Félix – Os Búzios, 2003: 42.

Comecei a minha docência universitária no tempo em que o estruturalismo perdia força e o gerativismo comandava a linguística; no tempo em que a linguística servia de modelo a todas as ciências, no tempo em que a linguística era o modelo e molde para todas as ciências sociais ou mesmo um lugar de referência para todas as ciências e termino essa docência com o tempo novo da linguística cognitiva, uma linguística simultaneamente social, cultural e contextual. E é através deste portal que a linguística assume novamente um papel fundamental para as ciências, pelo viés da metáfora:

«There exists an important class of metaphors which play a role in the development and articulation of theories in relatively nature sciences. Their function is a sort of catachresis – that is, they are used to introduce theoretical terminology where none previously existed» e «metaphorical expressions constitute, at least for a time, an irreplaceable part of the linguistic machinery of a scientific theory... Such metaphors are constitutive of the theories they express» (Boyd 1993: 342 e 486)³⁵.

Isto é, aos linguistas jovens, deixo a mensagem de que a linguística é o único material com que se faz a literatura, e uma das fontes modeladoras da ciência, por mais que façam reciclagens e saneamentos. Quando estudamos a língua no seu devir e sobretudo no seu percurso, estamos a devolver a alma às palavras, devolver-lhe a dignidade que sempre tiveram³⁶.

A palavra é a fundadora da humanidade – da *humanitas* – e o elemento fundamental na fundação da *civitas*, a instauradora da *urbanitas* em contraposição com a *rusticitas*. Mas devemos ter presente que o paradigma linguístico, seja ele qual for, também não é um absoluto³⁷: o absoluto é (ou está apenas em) a língua. Para terminar, peço desculpa de ter dado uma «não-aula» e ainda bem que a «retenção» se aplica apenas aos alunos do ciclo, de contrário teria ficado retido até ser abatido ou reciclado.

³⁵ «Metaphern geben für wissenschaftliche Forschung damit einerseits unausgesprochene Regeln vor, zum andren sind sie “opend-ended” ..., d. h. die Konzeptsysteme, aus denen sie stamen, erzeugen zusammen mit den Erfahrungen und ihrer Systematisierung auch immer wieder neue Vostellungen (Wharig-Schmidt, B. 1997 – Metaphern, Metaphern für Metaphern und ihr Gebrauch in wissenschaftshistorischer Absicht, in: Bernd Ulrich Biere, Wolf-Andreas Libert (eds.) – Metaphern, Medien, Wissenschaft, Opladen: Westdeutscher Verlag GmH, 23-48.

³⁶ Neste aspecto, o papel do linguista é o mesmo que cabe ao escritor: «esforço-me por escrever bem. Inimigo figadal do esteticismo vaio e caturra, tento, contudo, ser correcto no que digo, e dizer da melhor maneira. (...) Se na vida profissional procurei sempre ser honesto e capaz, porque não hei-de fazer o mesmo como escritor? Ora um escritor honesto e capaz deve escrever bem. (...) Não é uma boa prosa que ambiciono. Mas sim uma claridade gráfica. Gostaria de restituir às palavras a alma que lhes roubaram, e que a língua tivesse nas minhas mãos, além da graça possível, uma dignidade inofismável» (Torga 1995: 774-775).

³⁷ Longe vão os anos setenta, o tempo dos estruturalismos e os anos subsequentes da dogmática gerativista.

BIBLIOGRAFIA

- BLACK (1854/1962: 39), [M. Black 1954/1962 – «Metaphor», in: *Proceedings of the Aristotelian Society* 55: 273-294. Reimpresso em M. Black – *Modells and Metaphor*; Ithaca-London, Cornell Univ. Press].
- BOYD, R. (1993), «Metaphor and Theory Change: What is “Metaphor” For», in: Orthony Andrew (ed.) – *Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, 2nd ed., 481-532.
- CROFT, William (1995), The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies, in: *Cognitive Linguistics* 4 (4), 335-370.
- DÉTRIE, Catherine – «La figure, une “parole parlante” au plus près du monde vécu?», in: *Cahiers de praxématique* 35, 2000, 141-169.
- Dicionário da Academia – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa, 2 vols., Lisboa, 2001.
- DIRVEN, René (2002), «Structuring of word meaning: figurative use of language», in: *Lexikologie/ Lexicology. Ein internationales Handbuch zur Natur und Struktur von Wörtern und Wortschätzen*, I. Handband, Berlin/ New York, pp. 337-342.
- FÉLIX, Emanuel (2003), 121 *Poemas Escolhidos*, Lisboa: Salamandra.
- GIBBS, Raymond W. (1994), *The poetics of Mind. Figurative Thought. Language, and Understanding*, Cambridge: Cambridge University Press.
- KLEIBER, Georges (1995), «Polysémie, transfert de sens et métonymie intégrée», in: *Folia Linguistica* XXIX /1-2 106-131.
- LAKOFF, George (1987), *Women, Fire and dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*, Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, George (1989), «The Invariance Hypothesis: Is abstract reason based on image-schemas?», in: *Cognitive Linguistics* 1 (1), 39-74.
- LAKOFF, George and JOHNSON, Mark (1980), *Metaphors we Live by*, Chicago: University of Chicago Press.
- LURIA A. R. (2003), *Um Pequeno Livro sobre uma grande Memória*, tradução feita por João Vilhena, Relógio D'Água Editores [The Mind of a Mnemonist. A Little Book about a vast Memory].
- MICHAELIS (1998), *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, São Paulo: Melhoramentos, 2002.
- NUNBERG, G. (1995), «Transfers of Meaning», in: *Journal of Semantics*, 17, 109-132.
- ORTHONY, R. (1979) (org.), *Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press.
- PERRIN, L. (1996), *L'ironie mise en trope*, Paris: Éditions Kimé.
- PRANDI, M. (1992), *Grammaire philosophique des tropes*, Paris: Les Éditions Minuit.
- RAIMONDI, Ezio (2002), *La retorica d'oggi*, Bologna: Mulino.
- RICHARDS, I. A (1936), *The Philosophy of Rhetoric*, Oxford Univ. Press.
- SENA, Jorge de (1989), *Poesia III*, Lisboa: Ed. 70, 117.
- SWEETSER, Eve (1990), *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*, Cambridge: Cambridge University Press.
- VILELA, Mário (1994), *Estudos de lexicologia*, Coimbra: Almedina.
- VILELA, Mário (1995), *Léxico e Gramática*, Coimbra: Almedina.

TRÊS ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DA FIGURATIVIDADE NA LÍNGUA:
SINESTESIA, METÁFORA E METONÍMIA

- VILELA, Mário (2002), *Metáforas do nosso tempo*, Coimbra: Almedina.
- VIOLI, P. (2001), *Meaning and Experience*, Bloomington: Indiana University Press.
- TORGA, Miguel (1995), *Diário VIII*, ed. integral em dois volumes, Coimbra: Ed. do Autor.
- WHARIG-SCHMIDT, B. (1997), «Metaphern, Metaphern für Metaphern und ihr Gebrauch in wissenschaftshistorischer Absicht», in: Bernd Ulrich Biere, Wolf-Andreas Libert (eds.) – *Metaphern, Medien, Wissenschaft*, Opladen: Westdeutscher Verlag GmbH, 23-48.

